

Fronteiras e diálogos disciplinares na pesquisa e na graduação

Entrevista com Stelio Marras

Por Barbara Soares, Larissa Tanganelli & Thiago Oliveira

É comum falar-se na necessidade de um diálogo mais constante, desde a graduação, entre as diferentes disciplinas que compõem as ciências sociais. Entretanto, verifica-se que cada vez mais as pesquisas devem se enquadrar não somente nas fronteiras de uma disciplina, mas também em determinado subcampo de estudos inscrito nessa disciplina, o que acontece já na graduação. O debate a respeito da chamada interdisciplinaridade divide cientistas sociais, alguns argumentando pela intensificação do diálogo, outros afirmando o campo de investigação a partir das delimitações formais.

Para Stelio Marras, essa interdisciplinaridade deve ser ainda mais radical. Ele defende não somente que o diálogo dentro das ciências sociais seja intensificado, mas que haja um intercâmbio mais constante entre as ciências sociais e as ciências naturais. Nesse sentido, argumenta que a pesquisa na graduação é o espaço privilegiado para se iniciar esse processo.

Stelio Marras é antropólogo, com toda a sua formação tendo sido completada na Universidade de São Paulo. Atualmente, é professor e pesquisador no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), um instituto de base interdisciplinar, ainda que restrito às ciências sociais e às humanidades. Suas pesquisas se concentram nos chamados *Science Studies* e em Antropologia da Ciência e da Modernidade.

Primeiros Estudos: *Professor Stelio Marras, você é bacharel em Ciências Sociais, mestre e doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Como você vê a relação entre a sua trajetória acadêmica e as pesquisas desenvolvidas na graduação?*

Stelio Marras: Entendo que para quem pretenda seguir carreira acadêmica, as primeiras pesquisas na graduação são fundamentais. Elas vão logo revelar o gosto ou não do estudante pela atividade de pesquisa, além de também poder indicar a especialidade que mais o atrai. E penso que, sobretudo, elas dão ensejo ao que considero o mais importante na educação (inclusive, e não apenas, no Ensino Superior), que é adquirir autonomia, criatividade e liberdade para experimentar hipóteses, argumentar e refletir a partir do que é mobilizado na bibliografia e no campo. Por isso mesmo, aliás, vejo com muito bons olhos as declarações do novo reitor da USP, que vem insistindo em prover a graduação com mais atenção e recursos. De fato, se não concentrarmos maiores investimentos na graduação, incluindo estímulos

à pesquisa, como as de Iniciação Científica, o que acontece, como realmente tenho visto acontecer, é a chegada do aluno à pós-graduação ainda sem bom preparo, ainda sem a devida intimidade em montar estratégias de pesquisa. Vice-versa, o aluno que já experimenta a atividade de pesquisa na graduação geralmente chega à pós apresentando um projeto de pesquisa já avançado, mais exequível, mais promissor.

Primeiros Estudos: *Quando você estava na graduação, participou da edição da Revista Sexta Feira. Como se deu esse processo? E qual a relação tanto desse projeto na Revista Sexta Feira quanto de sua pesquisa durante a graduação com seus projetos acadêmicos mais recentes?*

Stelio Marras: Agradeço pela pergunta sobre a Revista Sexta Feira porque me dá oportunidade para falar de uma experiência das mais luminosas e gratificantes que já pude ter. É experiência muito prazerosa também, porque a revista fazia com que nos reuníssemos semanalmente, durante horas intermináveis, para discutir temas a tratar, autores a contatar, formato, diagramação e arte que criar, tudo fazendo alimentar e confluir laços de amizade e interesses intelectuais que ali mesmo íamos descobrindo. Para mim (e penso que para os demais da Revista), foi sempre muito virtuoso, e nada contraditório ou inconciliável, unir o prazer das amizades e dos amores entre nós ao prazer da formação intelectual. Nunca a oposição, mas sempre a realimentação, entre objetivar e subjetivar, entre destilação de afetos e fermentação acadêmica, entre festejar e trabalhar com afinco. Penso mesmo que uma coisa nunca vai muito bem sem a outra.

E mais importante do que foi a Sexta Feira para mim (ou mesmo para os meus queridos companheiros da revista), ela pode ser de boa valia para as novas gerações – seja por seu conteúdo tão cuidado, seja porque ela serve de exemplo para plasmar vocações. De fato, a revista que fizemos acabou nos fazendo. Ela confirmou nossos interesses, nossas semelhanças e diferenças. Como espécie de carrefour, a Sexta Feira foi lugar de entrecruzamentos. Ainda que fosse a antropologia o seu principal mote, quisemos uma revista que também contemplasse as artes e as humanidades em geral, como em música, literatura, cinema. Nós ali já ensaiávamos a interdisciplinaridade, e ainda antes do forte clamor de hoje rumo a esse esforço. Penso que a antropologia guarda um potencial (embora nem sempre realizado) de porosidade disciplinar, uma fuga de si mesma. Coincidentemente ou não, minha própria trajetória acadêmica, sem dúvida marcada pela experiência da Sexta Feira, veio e vem me levando a justamente apostar cada vez mais numa ciência do homem que não se baste no homem, mas que se pulverize no mundo. É modo de dizer que acredito cada vez menos que para explicar o humano seja preciso centrar a investigação no humano – por mais paradoxal que pareça esta afirmação. Acho mesmo que no futuro (talvez mais breve do que possamos imaginar), a boa antropologia (como aliás qualquer outra boa ciência social) será aquela que escapar do antropocentrismo.

Primeiros Estudos: *Na Primeiros Estudos, recebemos trabalhos de graduandos de diversas áreas, ainda que com a temática focada na Sociologia, na Antropologia e na Ciência Política. O que você pensa sobre essa forma de periódico acadêmico? Como se dava esse processo na Revista Sexta Feira?*

Stelio Marras: Como uma revista de Ciências Sociais, é de se esperar que a Primeiros Estudos receba material das áreas que institucionalmente compõem essas ciências. Acho difícil escapar disso e não me parece necessariamente negativa essa restrição. Mas isso não nos impede de imaginar e desejar maiores, por assim dizer, intercursos entre cursos. E aí acho que uma revista, como a Primeiros Estudos, destinada a escoar as primeiras e tão importantes produções da graduação, pode perfeitamente também se abrir para a produção de outras graduações que faça alguma conexão consistente com as humanidades. Digo isso porque percebo cada vez mais um anseio dos alunos de graduação (não importa de qual área) em experimentar cruzamentos inovadores. Então me pergunto: por que domesticar a produção do conhecimento na disciplinarização e não estimular a produção selvagem, ainda que rigorosa e controlada, já na graduação? Isso é um modo de dizer a vocês que penso ser bem mais frutífero que essa formação disciplinar se dê simultaneamente à (de)formação pós-disciplinar. Isto é, que não seja preciso primeiramente a formação disciplinar para apenas em seguida se experimentar a pós-disciplinar. Diz-se que é de pequeno que se entorta o pepino. E acho bem isso mesmo. Penso que docentes e pesquisadores mais avançados na carreira já chegam a essa altura com o pensamento muito disciplinado, sendo mais difícil para eles, em geral, a desestabilização de conceitos e campos de sua formação que um exercício verdadeiramente interdisciplinar exige. Já as novas gerações podem desenvolver os intercursos mais facilmente desde os seus primeiros estudos (!) porque ainda não sofreram decisivamente os efeitos do enrijecimento disciplinar. É minha esperança.

Quanto ao processo da Sexta Feira, no que toca ao recebimento de artigos e outros materiais, tudo era ligeiramente diferente em relação aos periódicos acadêmicos. A começar pela associação com editoras do mercado, como a Editora 34. Creio que a liberdade era maior e por isso podíamos experimentar mais. Era assim com o design gráfico ou com as várias curadorias com que pudemos contar (em poesia, em artes plásticas). Publicamos vários artigos de graduandos, mas não estávamos obrigados a isso. Certamente que eram outras obrigações, outras exigências, outros compromissos.

Primeiros Estudos: *Ainda sobre a sua trajetória acadêmica, conte-nos sobre como você chegou ao Instituto de Estudos Brasileiros, um instituto que se pretende interdisciplinar.*

Stelio Marras: Eu conhecia o IEB pelas minhas pesquisas ainda de mestrado. Pude lá acessar um documento raro e importante de que me servi na dissertação. No mesmo ano em que defendi o meu doutorado, surgiu uma vaga para antropólogo

no IEB. Eu vinha já preparando um projeto de pós-doutorado, mas eu o abortei para me dedicar integralmente ao concurso. Afinal, prestei e passei. Foi o meu primeiro e único concurso para docente. É verdade que ainda antes da defesa do doutorado, havia surgido uma vaga para antropólogo na Faculdade de Medicina da USP. Eu já havia entregado a tese, mas ainda aguardava a data da defesa. E como era exigida a ata da defesa no ato da inscrição, não pude prestar aquele concurso. Mas confesso que, se eu estivesse lotado naquele departamento da Medicina, eu iria poder me desenvolver com bastante foco nas áreas de antropologia da saúde, da doença, da cura. Meu projeto era abordar essas áreas via antropologia da ciência e da tecnologia, que é a minha especialidade. Estou absolutamente convencido de que uma tal abordagem (Antropologia da Ciência, Science Studies, Antropologia da Natureza) é fundamental e urgente para a formação de nossos médicos e profissionais da saúde. Seria bom para eles, bom para os antropólogos, bom para a sociedade.

Em todo caso, vim mesmo parar no IEB e estou muito satisfeito de trabalhar aqui. Conto com colegas muito afáveis e dispostos. São de diversas áreas, como literatura, geografia, história, música, artes plásticas, sociologia. Já temos alguns projetos comuns em andamento e mesmo um laboratório interdisciplinar em estudos brasileiros em fase embrionária.

Primeiros Estudos: *Conte-nos mais sobre esse laboratório interdisciplinar em estudos brasileiros. Qual será sua dinâmica de pesquisa? Ele agregará estudantes de graduação em diversos cursos?*

Stelio Marras: Ainda estamos inventando formato e dinâmica desse laboratório. Ainda o ensaiando e a nós mesmos nele. Em todo caso, sem dúvida que queremos contar com pesquisadores de todos os níveis: da Iniciação Científica ao pós-doutorado. E também sem dúvida que queremos atrair gente dos mais diversos cursos da USP. Claro que não é nada fácil criar algo novo e fazê-lo andar porque os docentes nos encontramos cada vez mais sobrecarregados de atividades – problema este, aliás, que merece ser abordado com muita atenção pelas novas gestões da USP se não quisermos enfrentar estrangulamentos e atrofias na execução de nossas atividades. De fato, quanto ao laboratório que estamos aos poucos criando, o problema já começa na agenda: difícil conseguir datas de reunião que sejam viáveis para a maioria. Neste momento, contudo, estamos tentando encontros para experimentar diferentes visões sobre o cordel brasileiro (literatura e imagem) a partir da pesquisa recente do prof. Paulo Iumatti, historiador do IEB, sobre o assunto. Estamos animados, apesar das dificuldades referidas. Entendo que devemos imprimir maior consistência e constância ao laboratório (incluindo sua institucionalização formal) para em seguida podermos contar com mais colaboradores e pesquisadores, incluindo alunos que se interessem pelo projeto ou por temas específicos a serem ali desenvolvidos.

Eu me referi à sobrecarga de atividades e contudo eu mesmo estou em vias de criar, junto com meus orientandos (da Iniciação ao Doutorado), um outro laboratório.

Na verdade, a ideia é oficializar o que já fazemos no grupo: discussão aberta dos projetos de pesquisa e dos textos mais avançados, como os de Exame de Qualificação, Relatórios Parciais e mesmo dissertações de mestrado e tese de doutorado ainda antes das defesas. A graça desse grupo tem a ver diretamente com a sua origem heterogênea, já que ele atualmente é formado por alunos da Física, da Biologia, da Antropologia, da História, da Filosofia, da Administração, das Letras, da Matemática. Então são muitas disciplinas que ali se reúnem – mas não para cada qual demarcar seus territórios, e sim para, desarmadas, poderem experimentar passagens entre elas. Eis o que ali nos interessa e que, digo com alegria, está dando muito certo. Ainda estamos pensando num nome que seja emblemático para esse laboratório, mas é provável que ele venha a se denominar Laboratório Pós-Disciplinar de Estudos (LAPODE). Pela sigla, já se pode vislumbrar o alcance que visamos...

Primeiros Estudos: *O que você entende por interdisciplinaridade? Como deve ocorrer uma pesquisa de base interdisciplinar?*

Stelio Marras: Ainda que no IEB nós tenhamos um clima e mesmo uma base institucional que propicia a interdisciplinaridade, penso que essa interdisciplinaridade deva ser ainda mais radical. Eu me refiro especificamente ao diálogo urgente entre ciências humanas e ciências naturais e exatas. Da própria universidade, até os clamores e os problemas atuais da sociedade, todos parecem ter consenso ou alguma intuição sobre a necessidade cada vez mais premente de se levar a cabo tal esforço interdisciplinar. Dizendo brevemente, os problemas contemporâneos exigem, talvez mais do que nunca, esse cruzamento radical de disciplinas. Precisamos pôr um fim ao que Bruno Latour e Isabelle Stengers denominam de Guerra das Ciências – essa disputa entre ciências humanas e ciências naturais pelos princípios explicativos do real. A mim não me importa muito o nome: chamemos de interdisciplinar, transdisciplinar, multidisciplinar ou o que for. Me importa o alcance desse esforço. Ou seja, não basta que as ciências naturais se sirvam de umas caixas-pretas das ciências humanas, assim como, vice-versa, não basta que as humanidades se sirvam de uma ciência natural ou exata de divulgação. Esse tipo de troca superficial já acontece há muito tempo e nunca foi suficiente – senão, ao contrário, produziu mais agravos e hiatos entre o naturalismo e sociologismo. Precisamos, todos, entrar no coração disciplinar um do outro. Em vez de emprestar conceitos prontos um do outro, precisamos ir à montante e acompanhar, passo a passo, a montagem dos conceitos, suas controvérsias e multiplicidades.

Tudo isso é tão difícil de fazer quanto urgente. Se o conhecimento acadêmico ganhou com cada aprofundamento disciplinar, agora temos que pôr à prova esses ganhos verticais num diálogo horizontal com as mais diversas disciplinas. Empreender esse exercício interdisciplinar entre disciplinas das humanidades, como entre disciplinas das ciências naturais, tal como já começa a ocorrer (e os recentes NAPs da USP têm essa finalidade), é já um passo, mas ainda apenas um passo, porque

o passo o mais necessário, e mais radical, será aquele que puder derrubar, mas com o devido rigor e controle, as fronteiras fixas entre ciências humanas, naturais e exatas. É ótimo que o IEB, por exemplo, promova a interdisciplinaridade, mas esta ainda permanece restrita às humanidades. Idem para as Ciências Sociais. Eu mesmo tenho insistido, junto aos meus colegas do IEB, em acolher, em nosso programa de pós, e mesmo na missão do IEB, alunos das ciências naturais e exatas. Já pudemos modificar o estatuto do IEB para isso.

Ainda sobre o exercício da interdisciplinaridade, penso que ele será realmente efetivo se os docentes puderem dar aulas e orientar juntos. Por exemplo: se, hoje, dois professores quiserem dar aula juntos, o sistema da USP irá dividir seus créditos – e então o docente terá que trabalhar em dobro para cumprir sua carga horária. Ou seja, o pressuposto desse sistema é de que, dando aulas conjuntamente, o docente estaria trabalhando menos, quando na verdade é o contrário que ocorre, já que o esforço para compreender e manejar minimamente o campo e os conceitos de outro docente, outra disciplina, é muito grande. Quanto à pesquisa, o mesmo. Hoje a USP apenas reconhece a figura do co-orientador nos doutoramentos. Parece que agora os mestrados também poderão contar com a figura do co-orientador, mas essa resolução geral tem que ainda ser ratificada por cada unidade da USP. Mas o ponto é que precisamos co-orientar desde a Iniciação Científica. Precisamos pôr as pesquisas à prova umas das outras. Precisamos desestabilizar o conhecimento disciplinar e a nós mesmos. E seria ótimo, senão mesmo estratégico, podermos fazer isso com as pesquisas dos alunos. A partir deles, junto com eles.

Primeiros Estudos: *Está sempre presente nas Ciências Sociais a discussão sobre outras disciplinas que comumente compõem sua grade curricular: estatística, economia, demografia, filosofia, história, geografia, entre outras. Existe espaço para outras disciplinas nos cursos de Ciências Sociais do Brasil? Há outras iniciativas interdisciplinares como o IEB, ou mesmo mais radicais, que integrem áreas diversas nas graduações em Ciências Sociais?*

Stelio Marras: Eu não conheço o suficiente as diversas graduações em ciências sociais no Brasil para fazer um balanço de quadro geral e identificar tendências.

PRIMEIROS
estudos